

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisca Solange Cardoso Teles

Instituto Federal do Ceará, campus Canindé/CE,

francisca.solange.cardoso07@aluno.ifce.edu.br

Ismael Lourenço de Paulo

Instituto Federal do Ceará, campus Canindé/CE, ismaellourenco889@gmail.com

Natália Ayres

Instituto Federal do Ceará, campus Canindé/CE, natalia.silva@ifce.edu.br

O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, construído a partir das vivências do Estágio Supervisionado IV em Gestão Escolar, componente obrigatório do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFCE – *campus* Canindé. O Estágio Supervisionado em Gestão Escolar constitui um momento formativo privilegiado na licenciatura, pois amplia a compreensão de que o trabalho pedagógico não se realiza apenas na sala de aula, mas também na organização institucional que sustenta o ensino e cria (ou limita) condições para a aprendizagem. Nessa direção, o estágio em gestão favorece a articulação teoria-prática e a construção de um olhar investigativo sobre o cotidiano escolar, contribuindo para que a formação docente incorpore dimensões administrativas e pedagógicas da escola, seus limites e possibilidades (ARAÚJO; SILVA; SOUZA, 2019). Também é compreendido como aprofundamento da relação teoria e prática e como espaço de diálogo para o fortalecimento das instituições de ensino, na medida em que possibilita analisar e problematizar o trabalho de gestão e suas decisões na vida escolar (RAMOS; RAMOS, 2024).

Ao mesmo tempo, a gestão escolar, quando orientada pela perspectiva democrática, supõe participação, diálogo e corresponsabilização, demandando ações que envolvam a comunidade escolar e local, especialmente na elaboração do projeto pedagógico e no fortalecimento de espaços coletivos de decisão (LÜCK, 2000; SILVA, 2007). Nessa perspectiva, a direção escolar não pode ser reduzida a uma função meramente técnica, pois se vincula ao caráter político-pedagógico da escola e às finalidades formativas do processo educativo, implicando mediações constantes entre meios e fins e entre diferentes sujeitos e interesses no interior da instituição (PARO, 2012). A relação escola-família, nesse contexto, aparece como dimensão estratégica: o acompanhamento da vida escolar e a participação das famílias podem favorecer a permanência, o engajamento e o enfrentamento de problemas como a infrequência, mas também evidenciam tensões quando a comunicação e os vínculos não se efetivam de modo consistente no cotidiano. Diante disso, este trabalho objetiva relatar e analisar as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado IV em Gestão Escolar em uma escola pública municipal de Canindé-CE, focalizando as ações de acompanhamento da frequência, as estratégias de aproximação com as famílias e as intervenções realizadas para enfrentamento da infrequência e fortalecimento da participação familiar.

No plano metodológico, adota-se uma abordagem quali-quantitativa, justificada pela natureza do problema: compreender a infrequência e a participação familiar exige, simultaneamente, (a) indicadores de adesão e frequência (por exemplo, quantidade de

questionários distribuídos e devolvidos, recorrência de motivos de ausência, padrões de contato escola-família) e (b) interpretação de sentidos produzidos no cotidiano escolar (por exemplo, percepções da equipe gestora, respostas dos estudantes e modos de comunicação com responsáveis). A base empírica do relato foi produzida por observação sistemática do cotidiano escolar, registros em diário de campo, diálogos com a equipe gestora e aplicação de questionário, compondo um conjunto de informações que permitiu triangulação de fontes (diário de campo, ficha diagnóstica da escola, devolutivas/parecer da escola-campo, dados do questionário e registros do projeto de intervenção/relatório final), fortalecendo a consistência analítica e a validação interna do relato por convergência de evidências, conforme recomendações para relatos de experiência com finalidade acadêmico-científica (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

O campo de estágio foi uma escola da rede municipal que oferta Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) em Educação Integral, com aproximadamente 380 estudantes distribuídos em 12 turmas. As observações ocorreram entre setembro e outubro de 2025 e as intervenções entre outubro e novembro de 2025, no turno da tarde. As ações acompanharam as rotinas de monitoramento da frequência e de contato com responsáveis, incluindo o uso do Radar da Infrequência e a Busca Ativa diária, além de atividades com estudantes (exibição de vídeo educativo e dinâmica “O caminho que falta”) voltadas à conscientização sobre a assiduidade e ao reforço do vínculo com a escola. Quanto aos aspectos éticos, as atividades foram desenvolvidas no âmbito institucional do estágio supervisionado e respaldadas por documentação de formalização e acompanhamento do estágio (por exemplo, ofício de formalização do estágio supervisionado, ficha de lotação, ficha de frequência e parecer/ciência da escola-campo), o que evidencia a anuência institucional para a realização das atividades. Não houve aplicação de TCLE individual, uma vez que não se tratou de pesquisa experimental com identificação de participantes, mas de ações formativas vinculadas ao estágio; ainda assim, preservaram-se identidades individuais e os resultados foram apresentados de forma agregada, sem exposição nominal.

As vivências evidenciam, inicialmente, a complexidade do trabalho da gestão escolar e a multiplicidade de demandas que atravessam o cotidiano institucional, envolvendo tarefas administrativas, acompanhamento pedagógico, participação em formações e cumprimento de metas externas. Na observação, um elemento recorrente foi a centralidade de indicadores e exigências vinculadas à avaliação externa (como metas relacionadas ao SAEB), o que demanda da equipe gestora mediação entre expectativas de desempenho, recursos disponíveis e condições concretas de funcionamento. Ainda que tais indicadores tenham relevância no planejamento escolar, o estágio mostrou que problemas de permanência — como a infrequência — exigem respostas que ultrapassem o gerenciamento técnico e acionem dimensões de participação, corresponsabilização e diálogo com a comunidade (LÜCK, 2000; SILVA, 2007).

No acompanhamento de rotina e nos diálogos com a coordenação, a infrequência apareceu como problema persistente e multifatorial, atravessado por questões de saúde, organização familiar e baixa continuidade de acompanhamento das atividades escolares. Um dado-chave do processo de coleta reforça essa leitura: foram entregues mais de 40 questionários para os estudantes responderem com as famílias, porém apenas 18 retornaram preenchidos. A baixa devolução não deve ser interpretada apenas como dificuldade operacional, mas como indicador de participação e de vínculo, sugerindo fragilidades na

comunicação escola-família e a existência de um conjunto de responsáveis menos responsivos às ações institucionais. A análise considerou, portanto, dois grupos: (i) respondentes (18), possivelmente famílias mais presentes; e (ii) não respondentes (mais de 20), que tendem a permanecer distantes das estratégias de acompanhamento escolar e podem concentrar situações mais críticas de infrequência.

No grupo que respondeu, 67% das famílias afirmaram que o(a) estudante raramente falta e 33% que falta às vezes. Quanto aos motivos, 78% atribuíram as ausências a problemas de saúde, 11% a “outro” (alarme), 6% a problemas familiares e 5% a falta de transporte. Além disso, 83% informaram que a escola entra em contato quando ocorre falta, enquanto 17% indicaram que não há contato. Esses resultados, embora relevantes, precisam ser problematizados: por refletirem majoritariamente o grupo mais responsivo, não captam, necessariamente, os motivos e dinâmicas das famílias que não devolvem o instrumento. Assim, a baixa devolução pode sinalizar que estudantes com maiores índices de ausência estejam associados a contextos de menor acompanhamento e menor responsividade às solicitações escolares, o que reforça o desafio da gestão democrática em produzir corresponsabilização e fortalecer canais efetivos de comunicação e participação.

Na perspectiva dos estudantes que responderam, os dados também foram predominantemente positivos: 94% afirmaram sentir-se acolhidos(as) por professores e colegas (6% responderam “às vezes”) e 89% consideraram as aulas interessantes e motivadoras (11% “às vezes”). Quando questionados sobre o acompanhamento familiar, 89% indicaram que a família acompanha sempre a frequência e o desempenho escolar (11% “às vezes”). Ainda assim, as sugestões sobre o que poderia ajudar a frequentar mais as aulas apontaram necessidades concretas: aulas mais dinâmicas e participativas (48%), apoio pedagógico para recuperar conteúdos (19%), atividades extracurriculares motivadoras (15%) e acolhimento/apoio emocional (11%). Essas indicações permitem deslocar a discussão da infrequência para além de justificativas imediatas, destacando dimensões pedagógicas, afetivas e comunicacionais que influenciam motivação, pertencimento e permanência.

Ao mesmo tempo, o estágio permitiu reconhecer que a escola possui mecanismos sistemáticos de monitoramento (Radar da Infrequência) e realiza Busca Ativa diária, o que desloca a análise para um ponto crítico: quando há baixa adesão familiar, o desafio não é apenas “criar” procedimentos, mas ampliar estratégias de aproximação, diversificar canais de comunicação e produzir corresponsabilização — dimensões coerentes com uma gestão democrática e participativa (LÜCK, 2000; SILVA, 2007). Além disso, foram observadas limitações estruturais (como falta de insumos básicos e racionamento de materiais), que impactam o cotidiano e exigem reorganização constante, sinalizando que a gestão escolar opera sob tensões materiais que também afetam a capacidade de manter estratégias consistentes de participação e acompanhamento.

Conclui-se que a gestão escolar se constitui como prática educativa e formativa, orientada pela articulação entre organização institucional, acompanhamento pedagógico e relações humanas no interior da escola, não se reduzindo à dimensão administrativa. O estágio evidencia que a infrequência escolar se associa a fatores diversos e que, embora existam mecanismos internos de monitoramento e Busca Ativa, permanece o desafio de ampliar a participação de famílias menos responsivas, demandando estratégias de aproximação e comunicação mais diversificadas e contínuas. Assim, o Estágio Supervisionado em Gestão Escolar contribui para a formação docente ao ampliar a compreensão sobre a complexidade



do funcionamento escolar e ao reafirmar a centralidade da gestão democrática como horizonte para qualificar o acompanhamento da frequência e fortalecer vínculos escola-família, com vistas à permanência e ao direito à educação.

Palavras-chave: Gestão Democrática. Formação Docente. Infrequência Escolar. Participação Familiar.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Débora da Silva; SILVA, Jéssica Cristina; SOUZA, Vilma Aparecida de. Gestão escolar e estágio supervisionado: inquietações para os sujeitos em formação docente. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 116-126, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/ciranda>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LIMA, Glaucilene Sebastiana Nogueira; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. Estágio supervisionado em gestão escolar: relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LÜCK, Heloisa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. Acesso em: 20 dset. 2025. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>.

PARO, Vitor Henrique. O trabalho do diretor escolar diante do caráter político-pedagógico da escola. In: LUCENA, Carlos; SILVA JÚNIOR, João dos Reis (org.). **Trabalho e educação no século XXI: experiências internacionais**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 19-45.

RAMOS, Divan Santana; RAMOS, Daniel Santana. Estágio supervisionado: formação docente e gestão educacional. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v. 16, n. 3, p. 1-10, 2024. Acesso em: 12 out. 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3790>.

SILVA, Josias Benevides da. Um olhar histórico sobre a gestão escolar. **Educação em Revista**, Marília, v. 8, n. 1, p. 21-34, 2007. Acesso em: 26 out. 2025. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/616>.

